

1

Introdução

Se no passado existia certa homogeneidade na esfera da fé cristã, já que as pessoas nasciam dentro do contexto da fé, essa não parece ser a realidade atual. Hoje o seu contexto é heterogêneo, complexo e fragmentado.

Há, desse modo, certa dificuldade de conceber um único discurso que se apresente como o verdadeiro: muitos reclamam por legitimidade e veracidade. Para situar-nos com relação a isso, basta que recordemos as “ofertas” que reclamam por veracidade e autonomia, marcadas pela vivência “profana” da fé.

Assim, se por um lado percebe-se a abertura humana ao Transcendente, por outro, há uma dificuldade no ato de crer, de acreditar em comunhão, em comunidade, em Igreja.

Muitos buscam satisfazer seus anseios religiosos em diferentes expressões de fé e crenças distintas e por vezes irreconciliáveis. São muitos os apelos religiosos presentes hoje, como também são variadas as verdades de fé, imagens e linguagens sobre Deus que querem dar credibilidade e tornar a fé plausível.

A fé cristã, assim, também se defronta com outras compreensões e crenças que nem sempre concebem Deus como ser pessoal. Do ponto de vista cristão o “pluralismo de fés” é ambíguo, porque a multiplicidade de crenças, de manifestações religiosas, de respostas humanas às necessidades mais profundas do ser humano também podem contribuir para o esvaziamento da fé e conseqüentemente da Revelação.

Diante dessa realidade, esta pesquisa quer ajudar a mostrar as raízes antropto-teológicas da Revelação e da fé, no sentido de que elas não somente desvelam a verdade de e sobre Deus, mas também comunicam a verdade acerca

do ser humano. Acreditamos ser essa uma hermenêutica fecunda para ler e reler os acontecimentos e a Palavra de Deus no mundo de hoje, plural e pós-moderno¹.

A questão da linguagem é fundamental para a teologia, visto que novas compreensões e elaborações de discursos sempre são suscetíveis. O desafio é muito grande e algumas respostas são insuficientes, porque apelam somente para o dado psíquico-afetivo, outras para o racional e não conseguem dar uma resposta religiosa e teológica convincente. Queremos aqui mostrar alguns aspectos imprescindíveis da fé cristã, na certeza de que mesmo antes de o ser humano pensar em crer, Deus já está agindo com sua graça, concedendo todas as possibilidades para a resposta (Cf. Ex 19-24; Is 6,1-13; Jr 1, 4-9; Mc 10, 1-16; Mc 6, 1-12; Lc 6, 12-19; Jo 1,35-51; At 6, 1-7...)

Desse modo a resposta à fé encontra um princípio divino e outro subjetivo, ou seja, a iniciativa é divina e a resposta é humana. Deus mesmo concede a graça, oferece a possibilidade de crer, mas o sujeito, a pessoa, pode aceitar ou rejeitar tal oferta.

Por outro lado, sabemos que a tradição cristã preocupa-se, desde suas origens, em que haja plena correspondência entre o conteúdo da fé e a sua forma, ou melhor, entre o que se crê (*fides quae*) e o ato do crer (*fides qua*), sem esquecer que a forma adquire diferentes compreensões, como aconteceu na modernidade com a virada antropocêntrica.

¹ No século XX surgem mudanças significativas nos diferentes âmbitos, fruto da grande crise que se faz sentir principalmente a partir do pós-guerra. Há um desencanto que se instala e põe em crises noções fundamentais vigentes até então: a verdade, a razão, o sujeito, a universalidade... Despontam o “pós-modernismo” que abrange as diversas esferas da vida humana. Daí a razão de Lyotard ligar a pós-modernidade ao surgimento de uma sociedade pós-industrial, na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica de produção, concebendo a pós-modernidade como mudança que engloba todo existir. Com isso as grandes narrativas são eclipsadas e como se trata de uma nova configuração, torna-se mister apropriar de novas categorias que respondam as configurações emergentes nessa sociedade (Cf. LYOTARD, J. F., *A condição pós-moderna*, p. 3-34.) Um dos fenômenos a ser destacado nessa nova configuração é o abandono do “funcionalismo”, ou seja, a edificação científica a partir de fatos observáveis. Um segundo fator é o colapso das hierarquias do conhecimento, das noções e concepções. Um terceiro fator consiste na substituição do livro impresso pela imagem. (LYON, David., *Pós-modernidade*. São Paulo, Paulus, 1998, p. 16-17) São elementos que assinalam algo novo, que não se enquadra na compreensão moderna e, na visão de González Faus, reagem contra ela e nesse sentido é mais anti-moderna que pós-moderna (Cf. GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Desafio da pós-modernidade*, p. 25-31). O que mencionamos alude a uma mudança na forma de conceber as coisas, as práticas e o próprio discurso acerca de pressupostos, experiências e proposições percebidos nas diversas áreas do conhecimento e da vida, o que vem denominado de pós-modernidade (Cf. HARVEY. D., *A condição pós-moderna*, p. 45-67).

Nossa tarefa diante da realidade que se descortina em nossa volta consiste em perguntar-nos sobre que respostas podem ser dadas às questões e aos problemas cruciais impostos à fé pelo mundo moderno e pós-moderno². E, uma vez convictos de que todos os seres humanos estão destinados ao encontro pessoal com Deus, em virtude da graça salvífica infusa, como conceber essa verdade hoje.

Para irmos em busca de respostas a essas e outras questões centrais, lançamo-nos na teologia de K. Rahner. Acreditamos que a matriz teológica do autor aqui estudado ajudará a evidenciar como é possível crer em pleno século XXI. Também pretendemos demonstrar que a fé não é nenhum absurdo, ao contrário, tem bases sólidas, tanto antropológicas como teológicas.

Com base na contextualização da nossa pesquisa, isto é, diante da questão central da teologia da Revelação de Rahner e da sua recepção na fé, indagamos: como pode o ser humano crer nos dias de hoje?

Diante dessa proposta geral emergem outras questões importantes que precisam necessariamente estar inclusas em nossa pesquisa, como: a) que contribuições a teologia do autor oferece à fé? b) Qual a importância da inculturação da fé para nosso contexto? e c) como a teologia de Karl Rahner ajuda-nos a pensar a relação e o diálogo entre fé e cultura? Diante da abrangência e complexidade do nosso autor e do tema, torna-se necessária uma delimitação. A abordagem proposta consiste em compreender os fundamentos essenciais inerentes à compreensão da fé e da Revelação, para fundamentar as respostas teológicas decorrentes dos mesmos. Por isso não será preocupação desta pesquisa situar cronologicamente as obras do teólogo.

Propomo-nos, desta maneira, fazer o seguinte percurso em nossa pesquisa: o Primeiro Capítulo prima em situar-nos frente à relação e o diálogo entre a fé e cultura(s). Este será o viés para esboçarmos a acolhida da fé e notáveis contribuições da Teologia de Rahner para o crer da atualidade. Num segundo momento, delinearemos, de forma ilustrativa, alguns problemas interpostos à fé e à Teologia, os quais não podem ser ignorados.

A escolha da inculturação da fé deve-se ao fato de que acreditamos ser essa uma leitura pertinente à atualidade e por mostrar-se uma tarefa e desafio

² Cf. LIBÂNIO, J. B., *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*, p. 15.

constantes à Teologia e à Igreja. Igualmente veremos que a teologia de Karl Rahner pode oferecer uma contribuição para pensar o diálogo e a relação entre fé e cultura, mesmo que esse autor não tenha abordado diretamente o tema.

Por isso, nesta tese, queremos assinalar algumas contribuições da reflexão de Karl Rahner para a fé, feita a partir da inculturação. Acreditamos que o diálogo entre a fé e a cultura já represente, por si, algo fundamental e indispensável e, portanto, servimo-nos de sua teologia para mostrar as verdades que devem reger e que estão implícitas nesse processo. Tal proposta é um grande desafio e de um trabalho de gerações, devido a sua amplitude e complexidade frente à mudança proposta à forma do crer.

Da mesma forma é importante que tenhamos plena ciência de que a Inculturação precisa ser compreendida como resposta provisória, porque a verdade crida precisa ser sempre atualizada e novas respostas precisam ser dadas para os diversos contextos culturais.

Neste sentido, inicialmente fundamentaremos os dois conceitos diretamente implicados na inculturação da fé: a cultura e a fé, para em decorrência delas compreendermos o que é afirmado com essas categorias, bem como os termos que estão co-relacionados a mesma. Veremos, com isso, que a inculturação é fruto de uma maturação e, mesmo sem uma clareza conceitual, ela sempre esteve presente no cristianismo. Ainda, destacaremos as condições e os pressupostos necessários para que ela se desencadeie, para depois expressarmos as convicções inerentes à inculturação. Como veremos, este é um processo profundamente hermenêutico, visto que procura atualizar a verdade de fé à cultura na qual quer ser crida.

Na continuidade defrontar-nos-emos com problemas teológicos presentes em nossa época. Na verdade três: a idolatria, o ateísmo e o agnosticismo. Essas realidades evidenciam como às vezes Deus pode ser manipulado pelo ser humano, este último pode negá-lo em prol de sua auto-afirmação e, por último, pode motivar certa indiferença frente à realidade Transcendente. Essas questões latejam em nossa sociedade e por isso não podem ser desconsideradas ou ignoradas.

No Segundo Capítulo, proporemo-nos a mergulhar no pensamento propriamente dito do teólogo alemão Karl Rahner. Iniciaremos por alguns

aspectos de sua vida, a sua formação e influências filosóficas e teológicas determinantes em seu pensamento.

Como a teologia desse Autor fundamenta-se no método antropológico-teológico transcendental, coube-nos num primeiro momento, explicitar como o ser humano pode ser o ponto de partida da reflexão teológica. Para isso, Rahner pressupõe algumas verdades acerca dele como: o fato de estar orientado à Transcendência, realizar-se na história e em liberdade e ser sujeito.

Na antropologia rahneriana a noção do “existencial sobrenatural” ocupa posto central e expressa a permanente oferta da graça de Deus ao ser humano.

Todas essas verdades introdutórias servem de preparação para o estudo do método antropológico-teológico transcendental. Essa ferramenta permitirá uma maior aproximação e adequação do sujeito cognoscente com a fé e a Revelação, porque vislumbrará que essas não são realidades introjetadas de “fora”, mas, antes, são próximas e vindas “de dentro”, caracterizando-se pela auto-implicação do conhecido e do conhecedor. Esse instrumento é a base sobre a qual situa-se a Teologia de Rahner. Como observaremos, o ser humano pode acolher a Revelação e respondê-la mediante a fé, porque Deus mesmo oferece “as condições de possibilidade” de sua acolhida. Por fim, veremos como a sua Teologia é profundamente marcada pela acentuação Cristológica.

Após ter visto os principais alicerces da Teologia de Rahner, no Terceiro Capítulo, voltaremos a sua compreensão sobre a Revelação. Para tanto, primeiramente faremos um estudo preliminar enfatizando como o autor compreende essa categoria. Em seguida, refletiremos acerca da transcendentalidade da Revelação e como Deus autocomunica-se ao ser humano. Assim, observaremos que a autocomunicação divina encontra sua explicitação mais elevada na noção de mistério, ou seja, Deus comunica-se em sua indisponibilidade e por isso o ser humano pode “conhecê-lo e experimentá-lo” como tal.

Por essa razão, a Revelação, tanto em seu aspecto transcendental como no categorial, será sempre explicitação desse mistério. Ou ainda, a Revelação Transcendental e Categorial revelam-nos o que e quem é esse Mistério, como também que ele compõe a estrutura mais profunda do ser humano, de modo que, a Revelação é um evento e diálogo de Deus que transcorre na história humana. É

por essa razão que essa última, constitui-se “lugar” de uma possível Revelação de Deus.

A Revelação, porém, tem uma história categorial especial, a qual vem narrada no Antigo e Novo Testamentos, mas não somente neles. É sobretudo na pessoa de Jesus Cristo que essa história alcançou não só seu estágio insuperável, como também a chave de discernimento acerca do que de fato compõe à história categorial da Revelação, da mesma forma para a explicitação da experiência transcendental.

Para nosso teólogo, tal história diz respeito à Salvação e à Revelação. E é também por ele designada de história das liberdades: de Deus que se revela livremente e o ser humano que a acolhe em sua liberdade.

De fato, a Revelação e Salvação precisam ser acolhidas. Esse ponto será desenvolvido no Quarto Capítulo. Nesse capítulo, veremos que estamos falando de uma fé Cristológica, visto que nosso discurso situa-se na esfera cristã. E essa fé vem “carregada” por Deus mesmo, ou, se preferirmos, por Sua graça, a qual, por sua vez, é a condição pela qual podemos acolher a Revelação de Deus.

Assim, fundamentaremos a fé com base na teologia do autor, para entender qual é o seu núcleo, a diferença entre o conteúdo e a forma do crer e a resposta humana ao permanente convite da graça salvífica de Deus, tanto numa perspectiva pessoal, como eclesial. Diante da estreita relação entre fé e salvação, queremos ainda sinalizar como elas estão também profundamente vinculadas com a esperança e a caridade.

Partiremos dessa última, a caridade, e procuraremos explicitar no que consiste a unidade do amor ao próximo e do amor a Deus. Queremos, com isso, assinalar que no amor incondicional temos o maior testemunho de fé e que o amor ao próximo é também expressão do amor a Deus.

A nossa fé tem um vínculo direto com a esperança, porque aquela nos confere a última. Aprofundaremos, ainda, essa relação com base na ressurreição de Jesus Cristo, cerne da fé e esperança humanas.

Outra analogia importante para nosso autor reside na unidade da experiência que a pessoa faz de si e de Deus. Desejamos com isso enfatizar como a experiência humana já pode ser expressão da experiência divina. E, por fim,

apontar que Rahner faz uma distinção entre fé anônima e fé explícita, sendo que, a primeira tem como fim a segunda. Assim, a recepção da fé pode inclusive dar-se de forma implícita, mas a Realidade a ser crida é sempre a mesma: o Mistério indisponível.

Situados diante do arcabouço teológico de Rahner, queremos, no Quinto Capítulo, que podemos considerar conclusivo, apresentar as contribuições que o seu pensamento oferece à inculturação da fé e ao crer contemporâneo. E para isso, destacaremos a possível relação entre Teologia, o método de Rahner e a inculturação da fé.

O autor mostrará que Deus sempre permanecerá mistério e essa verdade é igualmente válida para a inculturação. Além do mais, o Mistério manifesta-se nas diferentes culturas e cada qual o expressa condicionada a seu contexto vital, o que pode fazer aflorar diferentes aspectos complementares entre si.

Também destacaremos que, para Rahner a Teologia não consiste tão somente no discurso acerca de Deus, mas também é experiência de Deus.

Acreditamos que o método de Rahner mostra-se eficaz, porque parte do ser humano concreto, das assim designadas “razões existenciais” para em consonância com elas oferecer uma resposta teológica.

O diálogo entre a fé e a cultura ajuda-nos a vislumbrar como podemos integrar os diferentes aspectos da fé, isto é, o racional, com o emocional e o espiritual. Nesse cenário, a cultura é o “lugar” onde a pessoa faz a experiência de si, do amor e de Deus, o que nos auxilia compreendermos a profunda unidade existente entre a fé e a vida, bem como a indispensabilidade da hermenêutica, porque esta auxiliará o surgimento de expressões e categorias novas que proferem a mesma verdade afirmada anteriormente. Também a inculturação recorda-nos que a Igreja tem uma vocação missionária.

Diante do já apontado, veremos ainda a importância da mistagogia para os dias de hoje, porque esta, por um lado, auxilia a conduzir a pessoa humana ao Mistério Santo e, por outro, auxilia a confrontar-se com a pluralidade de expressões e vivências da fé.

Cremos, no entanto, que também faz-se necessário o confronto com alguns, por nós denominamos, “problemas teológicos” que postulam “verdades” alternativas, ou mesmo contrárias a fé cristã.

Nossas respostas procurarão apresentar argumentos teológicos decorrentes do pensamento do Autor à idolatria. Nesse âmbito mostraremos como a noção de Deus enquanto mistério desmascara a desconfiguração do rosto cristão de Deus. Outro problema que abordaremos é o ateísmo. A esse respeito o próprio Rahner apresenta uma resposta direta, por isso abordaremos suas principais idéias e resoluções sobre o mesmo. Por fim, procuraremos dar alguma resposta ao agnosticismo, ainda fundados no pensamento de Rahner.

Esse é o itinerário que nos propomos seguir nesta pesquisa, para mediante ela e, alicerçados na teologia de Rahner, mostrar a relevância da fé nos dias hoje e como ela ocupa lugar determinante na realização humana.